Transformações no jornalismo e repercussões nos processos formativos - as Novas Diretrizes Curriculares do Jornalismo e as reestruturações curriculares

Edgard Patrício
Universidade Federal do Ceará

Palavras-chave: Transformações no Jornalismo; Diretrizes Curriculares; Formação em Jornalismo; Currículo.

RESUMO EXPANDIDO

NONATO (2013) enumera as características que evidenciariam as transformações pelas quais vem passando o Jornalismo. Em relação à organização do trabalho, os jornalistas em tempos passados viam o exercício da profissão como um 'bico', o salário era baixo e precisava ser complementado com outro emprego. Hoje, os jornalistas trabalham em casa, onde oferecem os seus serviços, bancando todos os próprios encargos trabalhistas. Em relação à informação, era compreendida como um direito do cidadão, o que pressupunha que o jornalista teria que 'correr' atrás da notícia, incorporando o princípio da responsabilidade social à profissão.

Atualmente, a informação é uma mercadoria, um bem econômico, e a notícia 'vem' atrás do jornalista, por meio das assessorias de imprensa. E em torno dos salários, o jornalista, que ganhava, em média, um salário mínimo por mês, hoje pode cobrar por projetos, trabalhos ou textos. Mas a sociedade também vem se transformando. E essas transformações acabam por afetar diretamente o exercício da profissão de jornalista. Estaríamos, para Deuze (2014), na era da mídia Martini[1].

A midiatização complexa da sociedade pressupõe que, para além dos profissionais de produção da mídia, nós mesmos, agora como usuários leitores e escritores de mídia, precisamos experimentar, frente às inovações tecnológicas midiáticas, cada vez mais ações 'empreendedoras', numa formação continuada (media literacy) a esse ambiente. São os tempos da mídia como autoprodução de conteúdos. O que as pessoas fazem com a 'mídia Martini' não seria "apenas participar cada vez mais de padrões complexos e por vezes bastante sofisticados de uso midiáticos – desde ver programas de televisão até provar manchetes de notícias do tamanho de bytes" (DEUZE, 2014, p. 12). Nós estamos

[1] O conceito 'Martini' refere-se a uma série de comerciais de televisão e rádio dos anos 1970 da Martini, uma popular marca de vermute italiano. Os anúncios apresentavam um *jingle* que se tornou um *hit* em 1977, que tinha a frase "capture um momento – o 'momento Martini' - a qualquer hora, em qualquer lugar - é um lugar maravilhoso que você pode compartilhar – e o certo, esse local certo – é o Martini."

simplesmente produzindo a nós mesmos e nossas histórias online. Como nem sempre estamos preparados para enfrentar transformações, principalmente quando elas dizem respeito à nossa profissão, o profissional jornalista estaria sofrendo uma 'crise de identidade'.

O desenvolvimento e a popularização de ferramentas tecnológicas e de mecanismos cada vez mais acessíveis de conexão com a internet, bem como a difusão de uma ideologia libertária associada às novas tecnologias, têm levado a novas formas de participação do público na produção jornalística. E também a uma flexibilização das fronteiras entre produtores e audiência no âmbito do processo comunicacional (PEREIRA & ADGHIRNI, 2011, p. 51). Uma das contribuições da internet para a produção do jornalismo é exatamente o aumento da rapidez na circulação da informação.

Para Kucinsky (2004, p. 81 e 82), a internet cria novos dilemas além dos já existentes no Jornalismo, principalmente porque derrubou algumas fronteiras até então bem demarcadas. Ficou tênue a demarcação entre 'comunicação pessoal e coletiva' e, portanto, entre os conceitos de 'público e privado'; derrubou a demarcação entre 'meio de informação e mercado', já que um num site você se informa sobre uma mercadoria e, ao mesmo tempo, efetiva a transação comercial; derrubou a demarcação entre as várias linguagens da comunicação, assim como entre os vários suportes. Seus conteúdos são os mais arbitrários possíveis e, por meio da facilidade de copiar, ela destruiu na prática o conceito de direito autoral e da própria autoria. Com isso, abriu o caminho a problemas de autenticidade e veracidade da informação, credibilidade do meio e responsabilidade pela informação. Mas Christofoletti (2008) salienta que "se a tecnologia modifica as relações interpessoais, também muda os valores morais e as éticas. Por isso, é preciso se deter um pouco nos movimentos que chacoalham os tempos atuais para compreendermos como a ética jornalística também está mudando" (p. 94 e 95).

Ainda sobre a discussão ética no processo de formação do jornalista, e segundo Christofoletti (2008), para alcançar-se um jornalismo melhor não são necessários aos veículos de comunicação "apenas os equipamentos mais modernos", mas, sim, que se formem "bem os recursos humanos que povoarão as redações" (p. 15). É "fundamental pensar, discutir e difundir um ambiente de reflexão ética nos processos de comunicação". Essa percepção também é compartilhada por Karam (2004), que estabelece a aproximação ao chamar atenção para o fato de que "a formação e a produção jornalísticas exigem fundamentos epistemológicos, incluindo reflexões de ordem ética, técnica e estética" (p. 129). Nesse caso, os princípios morais da atividade reuniriam, como síntese,

um “dever-ser (deontologia)” ancorado na busca pela realização profissional e pela resolução de fatos-problemas, os quais a humanidade reconhece como tais, “de um acidente a um desvio de verbas públicas, de um atentando às razões dele ou sobre os interesses envolvidos em quaisquer conflitos ou guerras”. A mesma preocupação é levantada por Kaplam (2013), ao alertar que questões éticas também representam um grande problema para o jornalismo.

O uso excessivo e abusivo de câmeras disfarçadas, falsidade ideológica, pagamento de dinheiro para obtenção de informações são questões espinhosas que devem ser tratadas com profissionais formadores veteranos. Para ele, tais deficiências éticas e profissionais afetam não só o jornalismo investigativo, mas todos os meios de comunicação e precisam ser parte da educação básica no Jornalismo. A narrativa, então, poderia ser a seguinte.

O Jornalismo passa por uma série de transformações, vinculadas principalmente a um intenso processo de inserção tecnológica em seus processos de produção. Isso coloca em mãos dos jornalistas novas possibilidade de desenvolvimento de seu trabalho. Mas, e ao mesmo tempo, a vinculação entre tecnologia, manipulação de grande volume de dados e exigência na velocidade de disseminação da informação antepõe outros dilemas éticos ao jornalismo. Daí a necessidade da formação profissional do jornalista abarcar esses elementos na sua preparação, o que requer a atualização dos currículos dos cursos superiores. Essa possibilidade foi colocada com a aprovação das Diretrizes Curriculares do Curso de Jornalismo, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação em setembro de 2013.

Colocado como possibilidade, no entanto há que se perguntar: será que as Diretrizes foram capazes de perceber essas demandas na orientação da formação do jornalista profissional? Como estão incorporadas às Diretrizes as preocupações sobre inserção tecnológica, ética e produção do Jornalismo? E como as reestruturações curriculares dos cursos de Jornalismo estão percebendo essas relações? Esse trabalho discute a percepção das transformações no Jornalismo nos processos formativos do profissional jornalista no Brasil.

Partimos de questões relacionadas às transformações no Jornalismo, principalmente relacionada à inserção tecnológica nos seus procedimentos de produção; identificamos essa dimensão nas novas diretrizes curriculares para os cursos de Jornalismo no Brasil, regulamentadas em 2013; e analisamos a aplicabilidade desses conceitos e orientações no processo de reforma curricular que acontece no Curso de

Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (Brasil). Uma das questões que tentamos responder é em que medida as reestruturações curriculares dos cursos de Jornalismo, após a regulamentação das Novas Diretrizes Curriculares, conseguem perceber a dimensão das transformações e como reorientam seus processos formativos frente aos novos procedimentos de apuração apoiados na inserção tecnológica à formação de novos profissionais.

Referências

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

DEUZE, Mark. (2014) O jornalismo, a vida na mídia e a sociedade empreendedora. **Revista Parágrafo**, Vol. 2, No. 2, p.4-22. Ago./Dez. Acesso em 14 de junho de 2016.

KAPLAM, David E. **Global Investigative Journalism**: strategies for support. 2. ed. Washington: Center for International Media Assistance, 2013. Disponível em http://www.cima.ned.org/resource/global-investigative-journalism-strategies-for-support/. Acesso em 13 de junho de 2016.

KARAM, Francisco José Castilhos. Ética, deontologia, formação e profissão: observações sobre o Jornalismo. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. I, n.1 - 1º Semestre de 2004.

NONATO, Cláudia. O perfil diferenciado dos jornalistas associados ao Sindicato de São Paulo. In: FÍGARO, Roseli (Org.). (2013) **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas.

PEREIRA, F. H. & ADGHIRNI, Z. L. (2011) O jornalismo em tempos de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, janeiro/junho.